

A ARTE DE CURAR E AS INTERAÇÕES SOCIOCULTURAIS DE JOSÉ MARIA DOMINGUEZ Y DOMINGUEZ EM ARACAJU/SE (1923 – 1928)

THE ART OF HEALING AND THE SOCIO-CULTURAL INTERACTIONS OF JOSÉ MARIA DOMINGUEZ AND DOMINGUEZ IN ARACAJU/SE (1923 – 1928)

Daiane de Jesus Oliveira¹

RESUMO: O presente artigo busca compreender as práticas e representações da cura em Aracaju, capital do estado de Sergipe, a partir das interações socioculturais estabelecidas pelo espanhol José Maria Dominguez y Dominguez, entre os anos de 1923 e 1928. Esse trabalho segue a abordagem da micro-história. Dominguez atuava afirmando ser médico eletromagnetista e ocultista. Assim, suas práticas iam da magia à medicina, chegando a ser processado como charlatão e curandeiro. Na ausência de informações diretamente relacionadas ao protagonista dessa história, exploramos as possibilidades históricas do contexto em que viveu (DAVIS, 1987). Ele se encaixava em categorias como as de feiticeiro/curandeiro e médico, que permitiu que houvesse uma boa recepção nas relações que estabeleceu, de acordo com a “estrutura da conjuntura” da época (SAHLINS, 1990).

Palavras-chave: Artes de curar; Representações; Interações socioculturais.

ABSTRACT: This article seeks to understand the practices and representations of healing in Aracaju, the state capital of Sergipe, from the socio-cultural interactions established by the Spanish Jose Maria Dominguez y Dominguez, between the years 1923 and 1928. This work follows the approach of micro-history. Dominguez acted claiming to be medical eletromagnetista and occultist. Thus, their practices were the magic medicine, getting to be processed as a charlatan and a healer. In the absence of information directly related to the protagonist of this story, we explore the possibilities of the historical context in which he lived (Davis, 1987). He fit into categories such as wizard / healer and doctor, who let it be a good reception in the relations it has established in accordance with the "structure of the conjuncture" of the time (SAHLINS, 1990).

Keywords: Art of healing; representations; Sociocultural interactions.

INTRODUÇÃO

Em 06 de maio de 1923, por meio de uma denúncia feita pelo Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural de Sergipe, foi realizada a investigação do suposto charlatão José Maria Dominguez y Dominguez em Aracaju, capital do Estado de Sergipe. Para não restar dúvidas sobre a culpa do mesmo, foi elaborado um plano entre o Serviço de Profilaxia e a polícia. O guarda sanitário Antônio Sylvio Bastos chegou ao consultório do suspeito, que ficava numa sala da casa em que o mesmo residia. Ele explicou que estava doente e precisava de uma

¹ Mestre em História (UFS). Professora da Rede Pública Estadual de Sergipe (SEDUC-SE). E-mail: daianemitsune@gmail.com. Este artigo se trata de uma adaptação do terceiro capítulo da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS).

consulta, alegando estar desempregado e sofrer com uma “aflição de espírito”. O investigado o atende e faz o diagnóstico de seu paciente, explicando-lhe que o sofrimento pelo qual vinha passando era resultante de uma promessa de casamento não cumprida. Para realizar a cura, pediu um lenço e que ele voltasse uma hora da tarde para receber o “remédio” para o mal que sofria.²

Ao sair da casa do suspeito, Bastos encontra o guarda civil Abílio dos Santos. O falso doente conta que foi atendido e o nome que havia dado estava escrito em um livro de notas junto ao preço da consulta no valor de 10 mil réis, e do tratamento, que havia custado 120 mil réis. O guarda civil chamou o investigado e deu voz de prisão em nome do chefe de polícia. Enquanto isso, numa esquina da Rua Santa Luzia, os membros do Serviço de Profilaxia, Phoción Serpa e Luiz Lameira Ramos, que assistiam ao ocorrido, se dirigiram até a casa do suposto charlatão e ajudaram o guarda civil na apreensão de objetos capazes de incriminá-lo. Foram encontrados livros de medicina e de magia, além de objetos ligados a essas duas práticas.

O suspeito foi conduzido até a Chefatura de Polícia. O primeiro delegado de polícia Afonso Ferreira dos Santos mandou que fosse lavrado o auto de flagrante delito, determinando que as testemunhas e o acusado fossem ouvidos. Ele se chamava José Maria Dominguez y Dominguez, disse ser espanhol, ter 44 anos, casado e que sabia ler e escrever. Quando perguntado sobre a profissão que exercia declarou ser ocultista e comerciante. Ele morava na cidade de Aracaju há aproximadamente um mês. A princípio se estabeleceu numa casa que ficava nas imediações da Praça Vinte e Quatro de Outubro, número 4, região central de Aracaju, em frente ao Rio Sergipe. Essa foi uma zona portuária de grande importância comercial. Nessa época era conhecida pela população como Praça da Cadeia, em razão da antiga cadeia pública estar situada em seu entorno. Além disso, funcionavam a Alfândega e o Quartel General. Atualmente é chamada de Praça General Valadão, situada na Avenida Rio Branco. Entretanto, depois se mudou para a Rua Santa Luzia, que ficava a poucos quarteirões da residência anterior.

Prisões como a de Dominguez se tornaram cada vez mais comuns no início do século XX, como desdobramento do projeto de modernização do país criado pelo governo brasileiro. Esse projeto incluía a repressão às práticas de cura consideradas supersticiosas e fruto da ignorância de grande parte da população brasileira, que estava distante do saber médico (SEVCENKO, 2006). Apesar dos esforços empreendidos por médicos, juristas e governantes,

² Ver: SERGIPE. Processo-crime em que foi réu José Maria Dominguez y Dominguez. **Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe**. Cx. 03/2628. 06/05/1923, fl. 51.

as práticas de cura realizadas por este personagem histórico continuavam a atrair grande número de pessoas (BERTUCCI, 2003; WEBER, 1999; WITTER, 2001).

O que buscamos compreender nesse trabalho não é a excentricidade de Dominguez, mas o que a história dele pode nos contar sobre o contexto em que viveu. Através da abordagem da micro-história conheceremos suas práticas e representações da cura e de que modo estas dialogavam com as que existiam na capital sergipana, identificando os pontos em que convergiam, tornando possível a relação entre esses dois mundos.

O processo aberto contra Dominguez foi encerrado em 1928, após várias audiências. Antes disso, porém, ele tentou permanecer em Sergipe assumindo legalmente o ofício de curar através de uma petição de *habeas corpus*. Ao refletirmos sobre essa atitude, entendemos que o desejo dele em permanecer em Sergipe, mesmo após ser preso, aconteceu pela boa aceitação que obteve por pessoas a quem ele prestou seus serviços. Afinal, que pessoa ficaria em um lugar que não é aceito e não pode exercer sua profissão? Contudo, não dispomos de fontes que revelem quem eram as pessoas que foram atendidas por Dominguez. Mas, trabalhando a partir da verossimilhança (DAVIS, 1987), iremos expor outras situações envolvendo os praticantes da medicina não autorizados e que revelam práticas culturais semelhantes às que eram desenvolvidas por Dominguez. Assim, entenderemos de que forma ele poderia ser visto por seus clientes, dentro das possibilidades históricas do contexto em que viveu.

Podemos perceber nosso protagonista agindo no “espaço” ou no “não-lugar” no qual as táticas são elaboradas, isto é, em um lugar não institucionalizado, fluído e instável do cotidiano. Ele pode ser visto a partir das contradições presentes no cotidiano, permitindo certa mobilidade dos sujeitos, diferente do que determina o sistema normativo. Em outras palavras, é a “antidisciplina” que observamos nas ações dele, desde o momento em que foi descoberto pela fiscalização, usando vários artifícios para burlá-la (CERTEAU, 1998).

Para compreender as interações socioculturais estabelecidas por Dominguez em Aracaju utilizamos o conceito de “estrutura da conjuntura” conforme definiu Marshall Sahlins (1990). De acordo com ele, os indivíduos, enquanto reproduzem determinadas categorias sociais, “lhes dão novos valores retirados do contexto pragmático” (SAHLINS, 1990, p. 160). Assim, na prática a cultura tem que lidar com os fatos contingentes, que dependem da ação criativa de cada pessoa no momento de sua execução. Os significados culturais, então, são “reavaliados” quando postos em prática. A análise de Sahlins foi feita a partir da chegada dos

ingleses no Havaí. O capitão Cook foi visto como o deus Lono, que estava ligado a reprodução humana. Enquanto os havaianos seguiam suas lógicas culturais, a presença dos estrangeiros alterava o cotidiano deles. Voltando para a situação de Dominguez em Aracaju, perceberemos que em Sergipe havia categorias culturais, tais como as dos curandeiros e feiticeiros, que ele representava, embora se declarasse um ocultista.³

Na petição de *habeas corpus*, Dominguez declarou que antes de chegar a Sergipe ele esteve na cidade de Ilhéus no estado da Bahia e que lá teria comprado uma propriedade. Poderemos, então, encontrar situações distintas das que foram vivenciadas em território sergipano. Durante o depoimento que deu a polícia, José Maria afirmou que jamais foi procurado pela forma como procedia. Até que ponto isso seria verdade? É outra questão a ser analisada, tomando como ponto de partida os lugares em que esteve no interior da Bahia.

Assim, observaremos as configurações socioculturais de Dominguez e as relações de reciprocidade que pode ter estabelecido, formando uma rede de interdependências com outros indivíduos, necessária para a sobrevivência de suas práticas.

VIVENDO NO INTERIOR BAIANO

Dominguez recebeu dois atestados de boa conduta emitidos pelas delegacias das cidades de Ilhéus e Alagoinhas, Estado da Bahia. Esses documentos indicam que ele causou uma boa impressão, inclusive nas autoridades públicas. Deste modo, avaliaremos as condições socioculturais e da saúde pública nessas duas localidades, com ênfase na década de 1920.

Consta na procuração que foi assinada por Dominguez, concedendo o direito ao advogado Ávila Lima de representá-lo no tribunal, que ele era “proprietário domiciliado em Ilhéus”, mas era “domiciliado e residente nesta capital”. A palavra “domiciliado” quer dizer que ele possuía uma casa, contudo, não quer dizer que ele residia a mesma. No pedido de *habeas corpus*, Dominguez declarou viver dos rendimentos das propriedades que possuía em Ilhéus e em Portugal. Mas, que tipo de propriedade ele possuía em Ilhéus? Recorrendo a história dessa cidade, em especial a sua economia, chegaremos a uma possível resposta.

Durante as primeiras décadas do século XX, a cidade de Ilhéus prosperava em razão dos lucros extraídos do cultivo do cacau. A riqueza do cacau atraiu muitas pessoas, principalmente,

³ Antes de ser intimado, Dominguez havia publicado anúncios no “Sergipe-Jornal” do mês de abril de 1923. Era seguidor dos ensinamentos ocultos da teosofia de Helena Blavatsky.

dos sertões da Bahia e de Sergipe. Árabes, libaneses e sírios também se fixaram na região, a partir do final do século XIX. O cultivo comercial do cacau teve início em 1820, por iniciativa da aplicação do capital de alemães e suíços (RIBEIRO, 2014).

Em Ilhéus não existiram latifúndios. Os mais ricos eram aqueles que adquiriam o maior número de “roças”. Os pequenos proprietários vendiam sua produção aos grandes produtores, que beneficiavam e vendiam os produtos. A cidade funcionava como uma extensão da produção de cacau, através do comércio e serviços. Os “barões do cacau” pouco investiam em Ilhéus. Seus filhos, que buscavam a formação em medicina e direito, depois de formados raramente voltavam. Já os trabalhadores, eram explorados, recebendo baixos salários, que eram gastos com os produtos de primeira necessidade vendidos a preços altíssimos nas fazendas em que trabalhavam (GUERREIRO, 2009).

Diante desse contexto, o mais provável é que Dominguez possuísse uma pequena produção de cacau, que era o atrativo do município.

Partiremos agora para a cidade de Alagoinhas, outro local que Dominguez obteve um atestado de boa conduta. Essa cidade surgiu em torno de uma capela fundada pelo padre português João Augusto Machado no final do século XVIII. Seus primeiros povoadores eram boiadeiros, negros fugidos, índios, tropeiros e viajantes. Em julho de 1853, Alagoinhas foi elevada a categoria de cidade. Durante esse período, a cidade se destacava pelo cultivo de laranja e fumo, sendo este último produto exportado. Com a inauguração da linha ferroviária em 13 de fevereiro de 1863, ligando este município a Salvador, a economia se dinamizou e a atividade comercial foi intensificada. Esse fato atraiu vários imigrantes, com destaque para os italianos que comercializavam tecidos, vinhos e derivados (LIMA, 2007).

Durante o final dos anos oitocentos, Alagoinhas passou por uma série de mudanças, que seguiam a lógica higienista. A fim de modernizá-la, foram criadas praças, prédios comerciais e hotéis de luxo para abrigar os visitantes. Além disso, contava com duas Estações ferroviárias, uma ligando São Francisco a Juazeiro, e a outra que ligava a Bahia à cidade de Propriá, Estado de Sergipe. Segundo Keite Lima (2007), durante a década de 1920, Alagoinhas

[...] viveu uma verdadeira efervescência cultural, a cidade contava com teatro, cinema, festas populares e cívicas animadas por duas filarmônicas a “Euterpe Alagoinhense” e a “União Ceciliana” que eram referências para a região. Circulavam revistas como ‘A única’ editada em Salvador e jornais locais como “O popular”, um dos periódicos que, segundo os memorialistas, estava sempre a serviço da cidade, além, claro, do “Correio de Alagoinhas”. Enfim uma cidade que fazia jus à condição de “Pórtico de Ouro dos Sertões baianos” [...]. (LIMA, 2007, p. 07)

Comparando a história das duas cidades notamos que as décadas iniciais do século XX representaram uma fase de desenvolvimento econômico, responsável pelo aumento da população resultante de movimentos migratórios. Foi exatamente durante esse período que Dominguez esteve em Ilhéus e Alagoinhas, é possível tal situação o tenha atraído.

A Saúde Pública na Bahia do início do século XX atravessava as mesmas dificuldades presentes nos demais estados do país, assolados por inúmeras epidemias. Esse quadro acabou dando visibilidade aos problemas das populações que moravam no interior. Assim, a presença centralizadora do Departamento Nacional de Saúde, em associação com o governo do Estado da Bahia, buscou erradicar as endemias e epidemias. O processo de intervenção federal, a princípio, expôs uma diferença em relação à implantação do Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural em Sergipe. O pessoal que compôs a parte técnica e científica era escolhido pelo governo baiano, enquanto o administrativo era nomeado pelo órgão federal. Em Sergipe, essa escolha aconteceu na ordem contrária. Contudo, a indicação feita por Carlos Chagas do médico e cientista Clementino Fraga para assumir a Comissão Sanitária Federal na Bahia, em 1919, levou o governo da Bahia a romper o contrato com o Estado (SOUSA, 2013).

Os “sertões” se tornaram foco da atenção dos governantes para solucionar os problemas de saúde, que atacavam tanto ricos como pobres. O “sertão” deixou de se referir a espaços geográficos distantes e de difícil acesso, para ser visto como lugar de

abandono, evocando as polaridades existentes no Brasil, tais como “litoral e interior, civilização e barbárie, moderno e arcaico, legal e real” (SOUSA, 2013, p. 45 - 46). Contribuíram para essa redefinição a obra “Os sertões” de Euclides da Cunha e as expedições científicas organizadas pelo Instituto Oswaldo Cruz, durante a década de 1910.

Mesmo com a intervenção federal na Bahia, a erradicação das doenças de caráter epidêmico e endêmico foi um processo lento. As principais ações, nesse sentido, concentravam-se na capital, centro econômico e agroexportador. As condições financeiras e as brechas deixadas pela legislação brasileira foram obstáculos para o desenvolvimento da Saúde Pública. O movimento de “saneamento dos sertões” acusava o Estado de abandono das regiões do interior do país e favorecimento dos centros urbanos (BATISTA, 2013).

Até 1925, a Diretoria de Higiene do Estado da Bahia ainda não havia progredido. Faltava aparelhagem técnica e o aperfeiçoamento dos profissionais, além disso, os princípios sanitários não estavam sendo atendidos. Essa situação começa a melhorar com a implantação do Código Sanitário da Bahia no referido ano, que visava sanar esses problemas (BATISTA, 2013, p. 06).

No interior da Bahia, os curandeiros e as benzedeadas disputavam espaço com os médicos pelo espaço da arte de curar, ainda em pleno a década de 1940. Foi neste ano, que o governo da Bahia intensificou a regionalização dos serviços de saúde, criando novos postos de higiene e revitalizando os existentes. O processo de medicalização social enfrentou resistências de pessoas que reclamavam do atendimento dos médicos. Segundo essas pessoas, os médicos não as escutavam, não explicavam as causas das doenças ou prescreviam medicamentos que não teriam condições de adquirir. Tais razões ajudam a entender a preferência por curandeiros, remédios caseiros, simpatias e ainda a automedicação (SANTOS, 2013, p. 147-188).

O contexto presente nas cidades do interior da Bahia nos ajuda a ter uma ideia de como Dominguez foi recepcionado. A concepção de doença e de cura existente nessas cidades, envolvendo o campo espiritual, dialoga com as crenças dele. Os documentos comprovando sua boa conduta são provas de que ele construiu uma imagem positiva perante as autoridades públicas, que pode ser explicado pelo tardio movimento de fiscalização no interior do Estado e a falta de médicos, impedindo denúncia. É possível que tenha praticado atos de caridade, contribuindo para a sua aceitação.

INTERAÇÕES SOCIOCULTURAIS EM ARACAJU

Quando Dominguez chegou a Aracaju, foi morar numa casa situada nas imediações da Praça da Cadeia, e em seguida mudou-se para a Rua Santa Luzia. As duas localizações se situam no chamado “quadrado de Pirro”, nome que faz alusão ao engenheiro que projetou a cidade de Aracaju, Basílio Pirro. Este planejou a cidade que seria a nova capital, atendendo aos interesses econômicos da elite dirigente, no formato de um quadrado, com divisões que lembram um tabuleiro de xadrez, buscando atender as regras de saneamento que corresponde a uma visão moderna das cidades (OLIVA, 1994).

No local escolhido foram construídas as principais obras públicas: Palácio, Assembleia, Cadeia, Quartel da Força Pública, templos religiosos e a Matriz, além dos diversos estabelecimentos comerciais (BARBOZA, 1992). Os médicos da capital possuíam suas casas e consultórios distribuídos nessa região. Assim, percebemos que Dominguez estava no “olho do furacão”, num local nobre e comercial, sendo alvo da fiscalização e dos médicos já estabelecidos e conhecidos.

Os médicos de Aracaju costumavam expor em um único anúncio seus nomes, endereços e telefones, mostrando uma tentativa de coesão entre eles. Assim, poderemos conferir os locais em que os esculápios mantinham consultório na capital sergipana.

Dr. Augusto Leite – Avenida Barão Rio Branco, n. 39.

Dr. Avila Nabuco – Rua de Itabaiana n. 257. Telephone 239.

Dr. Francisco Fonseca – Bairro Fundação n. 246. Telephone 158. Dr. Aristides Fontes – Rua Itabaiana n. 95.

Dr. Macedo Costa – Rua de Itabaiana n. 373. Telephone 230. Dr. Berillo Leite – Rua de Pacatuba n. 95. Telefone 7.

Dr. Octaviano Mello – Rua de Propriá (casa de José Ludovice) Dr. Helvecio de Andrade – Rua de S. Christvam n. 74.

Dr. Antonio Carlos – Bairro Fundação n. 333

Dr. Josaphat Brandão – Rua Pacatuba n. 194. Telephone 120. Dr. Alexandre Freire – Rua de Itabaiana n.82.

Dr. Galdino Martins – Praça Coronel José de Faro n. 16. Telephone 219.

Dr. Silva Mello – Rua de Itaporanga n. 85. (SERGIPE-JORNAL, 1923)

Nota-se que a Rua de Itabaiana, famosa por seu intenso comércio, possuía o maior número de médicos (4). Os demais médicos estavam divididos entre o Bairro Fundação (2), a Rua Pacatuba (2), Rua Propriá, Rua S. Cristóvão, Rua Itaporanga e Praça Coronel José de Faro e Avenida Barão Rio Branco. Eles estavam próximo à Praça da Cadeia e a Rua Santa Luzia, locais em que Dominguez atendia, sendo o primeiro local mais chamativo, em razão de possuir instituições públicas importantes, como a Cadeia Pública, o Quartel General e a Alfândega.

Os pobres não foram cogitados para morar no “quadrado de Pirro”, no qual eram admitidos apenas aqueles que seguissem as normas do código de posturas municipal, uma das exigências era que as casas fossem cobertas com telhas. Em suas margens, ao Norte e à Oeste, eles construíram seus casebres de palha, contrariando o planejamento da cidade (BARBOZA, 1992, p.34 – 35).

No início do século XX, eram comuns os Jardins compostos por árvores e vegetação exóticas, na “entrada do logradouro um jardineiro que carrega as chaves dos portões e é responsável pelo horário de público estabelecido pelo regulamento do serviço de jardinagem” (BARBOZA, 1992, p. 44). Seus frequentadores deveriam estar vestidos de maneira adequada,

segundo os padrões da época. Por outro lado, a praça da Matriz permitia manifestações populares, como os folguedos e as festas de Natal.

Nas zonas periféricas havia uma maior liberdade e divertimento para os menos abastados. Nas proximidades da Lagoa Jabotiana e na Rua Porto da Folha existiam os terreiros de candomblé, nos quais eram realizados sortilégios e atendimentos aqueles que desejavam se livrar de feitiços e do “quebranto” (CABRAL, 2002, p. 49 – 51). Os outros locais habitados por pessoas pobres à época em que Dominguez esteve em Aracaju, eram o antigo Morro do Bomfim, que se localizava entre as atuais Avenida Dr. Carlos Firpo e a Rua Apulcro Mota, destruído na década de 1950; o Aribé (atual Siqueira Campos), em que houve diversas desapropriações no final da década de 1920. O “Bairro Industrial” e o “Santo Antônio” (SOUSA, 2010, p. 147 – 160).

O desenvolvimento econômico de Aracaju entre os anos 1911 e 1920, nas áreas comercial e industrial, aumentou o fluxo migratório de proprietários rurais, comerciantes do interior e, em maior número, os camponeses em busca de trabalho (BARBOZA, 1992, p. 49 – 50). Contudo, em igual proporção crescia o valor dos aluguéis, dificultando as condições de sobrevivência dos trabalhadores (SOUSA, 2010, p. 150).

Os locais escolhidos por Dominguez para abrir consultório e o uso dos jornais para fazer propagandas, sugerem que ele buscava atrair clientes de elevada condição financeira. O fato de ser branco deve ter contribuído para que Dominguez assumisse também a imagem de médico, da mesma forma que o uso de medicamentos e a aplicação de injeções, de acordo com os objetos que foram apreendidos em sua residência.

O trecho do anúncio de Dominguez, que transcrevemos abaixo, nos ajudará a compreender a recepção de suas práticas em Aracaju, tendo como eixo norteador traços culturais presentes em Sergipe e no Brasil.

Perito em ciencias occultas, physicas e naturaes; especialista em e naturalismo; na theoria dos conhecimentos humanos; no **an sit e qui sit divinus**; na sciencia do Logos, Deus na philosophia antiga e nas theorias orientaes; no plano divino; na teoria Karmica; na escathologia teosófica; na morpholia pneumatológica e na psicologia esotérica; no Devakan; no Nirvana psvante; no tradicionalismo christão e no progresso desenvolvido no Universo; nas ciencias e segredos de Helena Petrovna, de Han Blavastshy; nas ciencias theosophicas e seu alcance social philosophico; na hypnologia transcendental; nos segredos da saúde, da riqueza, do amor e da prosperidade; em hypnotismo e transmissão do pensamento.

Conhece as vantagens do naturismo e os resultados da psychomancia pratica, bem assim possui o segredo amor, da riqueza, da paz e da prosperidade, pelo systema Calioistro ou Fakir da India.

Conta o presente, relata o passado e prediz o futuro.

Indica e aconselha grandes negócios, demandas, transações de quaisquer espécies, compras e vendas de muita expansão, etc.

E finalmente atalha quaisquer dificuldades e atrasos na vida, excitando e promovendo o bem, para evitar todos os males.

Desfaz influencias nocivas de inveja, ódio ou feitiçaria, bem como facilita consórcios, hypnotiza, magnetiza, etc. (SERGIPE-JORNAL, 1923)

O acesso aos jornais era restrito aos alfabetizados e com condições financeiras para adquiri-los, sendo considerado um artigo supérfluo para aqueles que lutam para adquirir o básico para a sobrevivência. Portanto, era um veículo informativo que atingia pessoas das classes média e alta.

As notícias de curandeiros nos jornais geralmente estão relacionadas à repressão policial sofrida por eles ou em artigos os desqualificando enquanto charlatães (SAMPAIO, 2001, p. 25). Mas, havia os que se passavam por médicos, a fim de não chamarem a atenção das autoridades (BERTUCCI, 2003). Dominguez, não por acaso, declarava ser médico eletromagnetista.

Nos jornais do início do século XX, os anúncios de curandeiros em jornais eram bastante comuns. Esse foi um dos assuntos em pauta no Congresso Nacional de Práticos realizado na cidade do Rio de Janeiro em 1922 (PEREIRA NETO, 1995). Assim, a ação de Dominguez em publicar seus anúncios no jornal era algo comum no Brasil dessa época.

Trabalhar com o eletromagnetismo contribuía para atrair aqueles que buscavam as inovações da ciência médica. O entusiasmo causado pela aplicação do eletromagnetismo na medicina esteve presente no Brasil, ultrapassando o século XIX. Em São Paulo, por exemplo, durante o início do século XX, tratamentos usando aparelhos eletromagnéticos eram anunciados com frequência na imprensa, sendo muito populares. Um deles era o “Farador”, nome dado em alusão ao físico inglês Michael Faraday, que prometia curar várias enfermidades. Através das correntes farádicas, galvânicas e diatérmicas, prometiam-se curar paralisias, nevralgias, angiomas ou afecções cutâneas e até mesmo impotência. Nessa “onda elétrica” o curandeiro Paschoal de Lucca foi preso por se passar por “professor” e “cientista-massagista”, aplicando “massagens elétricas” sem ter formação em medicina (BERTUCCI, 2003, p. 197-227).

Outra prática médica anunciada por Dominguez foi o hipnotismo. Esse método de tratamento dividiu (e ainda divide) os médicos desde as primeiras descobertas. Há aqueles que confiam na hipnose e relatam atingir bons resultados, enquanto outros simplesmente a descrê, relegando-a ao patamar da alquimia (BLYTHE, 1971, p. 20 – 26).

O magnetismo animal usado na cura de doenças se tornou popular através do médico austríaco e ocultista, Franz Anton Mesmer. Essa prática é precursora do hipnotismo. Mesmer chega a Paris em 1778, afirmando ter encontrado um fluido ultrafino que cercava os corpos ou fluido vital. As doenças, então, seriam resultado da interrupção do fluxo desse fluido e a cura seria alcançada através de uma crise em forma de convulsões, provocada por magnetos estáveis (dedos e nariz), haste de ferro, ou através de uma cuba com cordas e hastes de ferro. Grande parte dos médicos parisienses se uniu para expulsar Mesmer, mas outros enxergavam apenas a tirania das academias nessa ação (DARNTON, 1988). O discípulo de Mesmer, o Marquês de Puységur (1751 – 1825) descobriu o que chamou de Sonambulismo Magnético, mais tarde chamado de hipnose. Ele acreditava que através do sonho hipnótico seria possível a comunicação com os espíritos, a telepatia, a autoscopia e o diagnóstico de doenças (ASSOCIAÇÃO JAUENSE, 2013).

O Código Penal brasileiro de 1890 determinava que apenas médicos qualificados pudessem usar o método do hipnotismo. Portanto, era uma prática reconhecida segundo a legislação brasileira em vigor na época em que Dominguez foi processado.

Através de passagens do anúncio é possível relacionar Dominguez a figura de grandes feiticeiros e curandeiros brasileiros. A prática da adivinhação; o conhecimento dos “segredos da saúde, da riqueza, do amor e da prosperidade”; aconselhamento de “grandes negócios” e o combate de “influencias nocivas de inveja, ódio ou feitiçaria”, são realizadas com base na magia, não se restringindo ao ato de curar doenças através de ervas, como seria o caso dos curandeiros. Embora estes se aproximassem dos primeiros por combaterem feitiços, considerados causadores de enfermidades.

O feiticeiro José Sebastião da Rosa possuía práticas semelhantes às de Dominguez. Conhecido popularmente como Juca Rosa, era filho de uma escrava africana e morava na cidade do Rio de Janeiro, chegando a adquirir grande fama entre pessoas de diferentes posições sociais durante a segunda metade do século XIX. Juca Rosa não se limitava a realizar curas, dava conselhos, ajudava em conquistas amorosas e fazia rituais de magia (SAMPAIO, 2000).

O termo curandeirismo abriga variadas formas de curar. Nikelen Witter (2001) distingue os curandeiros em duas categorias: a primeira contempla “práticos, curiosos, cirurgiões e todos aqueles que, formados às margens do saber médico oficial, agregavam a estes saberes cotidianos ou tomados das curas tradicionais”, podendo ser vistos como médicos ao receber licenças emitidas pelas Câmaras municipais. A segunda categoria é formada por curandeiros

que se baseiam em “saberes tradicionais”, como o uso da flora, da fauna e de rezas para combater doenças, chegando também a utilizar “técnicas e terapias da medicina oficial (BERTUCCI, 2003, p. 90 – 91).

Percebemos que, segundo a delimitação feita por Witter, Dominguez se enquadra melhor na primeira categoria, composta por uma prática híbrida entre os “saberes tradicionais” e a “medicina oficial”. Porém, durante o período republicano, as câmaras municipais não podiam expedir licenças para os “práticos”. Para ser médico o indivíduo deveria possuir o diploma de medicina.

Por meio de alguns objetos que foram apreendidos pela polícia tais como uma “caveira de macaco da Índia (embrulhada em lenço)”, “envelope contendo 10 beija-flores, secos”, “frasco contendo pó”; “garrafa contendo líquido”, notamos o possível preparo de medicamentos e/ou a prática de rituais. Por outro lado, os objetos apreendidos no consultório dele indicam que ele também fazia uso de práticas de cura ligadas a medicina acadêmica, através da prescrição e venda de medicamentos e o uso de instrumentos cirúrgicos, que apontam que ele realizava pequenas cirurgias em seus pacientes.

No Brasil, o uso de animais no preparo de remédios foi largamente empregado durante o domínio português, sendo essa uma prática cultural de índios, africanos e europeus. De acordo com Márcia Ribeiro (1997), a utilização de animais para o tratamento de doenças está relacionada a uma visão sobrenatural das doenças. Os ossos de animais e de humanos estavam relacionados ao “universo demoníaco”, visto como arte dos feiticeiros.

A redução de elementos da fauna e da flora em pós e os líquidos armazenados em garrafas com fins curativos fazem parte das práticas de curandeiros brasileiros. Eduardo Campos descreve o uso de pós entre os sertanejos. Segundo ele, “uma folha que, ao ser queimada e tornada pó, prontamente cicatrizará uma ferida das mais rebeldes” (CAMPOS, 1967, p. 34).

Durante a década de 1920, essas figuras atuavam em Sergipe com grande popularidade. De acordo com Andrade (1920, p. 110), “o curandeiro, o benzedor, o feiticeiro, a cartomante, o espirita, o condonblé, a jetatura”, estariam “a suplantar tudo, a esmagar tudo, como a avalanche de gelo, muitos anos acumulado e subitamente fundido ao calor do sol creadôr”. Embora trate essas práticas como um mal a ser combatido, que estaria a “suplantar” e a “esmagar” as tentativas de monopólio da arte de curar pela ciência médica, o artigo mostra a força dessas práticas durante o período analisado.

O curandeiro Balbino Leite utilizava algumas das práticas descritas acima. Em 1889, na cidade de Maruim, ele foi acusado de estar vendendo “garrafas” que continham substâncias venenosas com o pretexto de curar. O inquérito policial foi aberto após o médico Antônio Freire de Mattos Barretto levar uma de suas “garrafadas” até a promotoria pública, tendo recolhido esta depois que atendeu uma mulher chamada Maria. A vítima, segundo ele, estava sofrendo de “gastro interite aguda” provocada pela substância contida na garrafa. Outra acusação que recaiu sobre Balbino foi a morte de um jovem chamado Antônio, através das substâncias que ministrava.

As “garrafadas” são populares em todo o Nordeste brasileiro, podendo ser encontradas nos mercados atualmente. Elas correspondem a uma mistura feita com aguardente, raízes ou ervas, e são utilizadas no combate de várias enfermidades (CAMPOS, 1967, p. 34).

Além do médico, foram intimadas três pessoas cujos testemunhos evidenciam claramente a crença em feitiços enquanto causadores de doenças. A segunda testemunha, Bernardino José d’Oliveira, declarou ter quarenta e cinco anos, morar em Maruim, ser casado e pedreiro. Ele disse que soube através da mãe do falecido Antônio, que este “andando adoentado de um catarro foi se tratar do malefício fora d’esta cidade e que voltando veio em pior estado, e que se agravando o seu estado a testemunha ouviu em certa ocasião vomitar sapo e cabelos pela boca”.⁴

A terceira pessoa a testemunhar foi a mãe do falecido Antônio. Ela se chamava Maria Flora do Espírito Santo, tinha aproximadamente cinquenta anos e era casada. Ao recordar o sofrimento pelo qual passou seu filho, explicou que o finado sofria “de uma fraqueza nas pernas” e que ele não aceitou a “garrafa”. Maria Flora disse que conversou com uma pessoa “na rua do Rozario” a respeito da enfermidade de seu filho e esta concluiu que um “malefício” tinha provocado o estado em que ele se encontrava, chegando a lhe indicar um homem chamado Barnabé “que curava d’estas coisas” e morava em Saco do Bomfim no Município de Divina Pastora. Ele, então, recebeu duas garrafas, contendo uma “beberagem”, e depois que passou a tomá-la “deu logo em vomitar cabelos enrolados, sapo e grangugito, e até ela testemunha viu em uma das ocasiões seu filho sofrer um grande ataque que o prostrou para vomitar uma cobra”. Segundo ela, Antônio não tomou a “garrafada” feita por Balbino, pois seu esposo havia brigado

⁴ Ver: SERGIPE. Inquérito policial em que foi réu Balbino Leite. **Arquivo do Judiciário do Estado de Sergipe.** MAR/C. 2º Of. Inquérito Policial, cx. 01/1014. 20/04/1889.

e o acusado de estar matando o filho, concluindo que o culpado seria outro homem, chamado Barnabé.

A última pessoa a testemunhar foi Firmino Manoel Pereira, que declarou ser viúvo, ter trinta anos, morar em Maruim e exercer a profissão de banqueiro. Ele esclareceu

[...] que sabe que Balbino de tal a pretexto de curar de feitiçaria tem dado beberagens a diversas pessoas como bem a ela testemunha a quem Balbino já deu uma garrafa contendo aguardente do reino, casca de jurema, alho e muito fumo; que estes remédios não lhe tendo feito benefício nenhum ela testemunha não quis pagar, o que deu lugar a Balbino que entregou ao Delegado de polícia.

Consultamos o “Dicionário de Medicina Popular” (CHERNOVIZ, 1890) editado pela primeira vez em 1842, e encontramos os ingredientes do remédio. A “aguardente” era usada para “excitar as forças”; a “casca de jurema” resolvia problemas de “inchações”; o “alho” como “estimulante para o estomago” e “vermifugo para as crianças”; e o “fumo” contra “clysteres nas hernias estranguladas, na asphyxia, paralyxia da bexiga, epilepsia, tétano, etc.”.

Firmino morava próximo à casa de Maria, que era esposa de Manoel Pacatuba, e soube que ela não pagou pelo serviço do curandeiro, chegando a procurar um sargento para denunciá-lo, pois Balbino ameaçou fazer um “batuque de cemitério” para prejudicá-la. Depois disso, a saúde dela apenas melhorou quando um oficial o convenceu a desfazer o feitiço.

É interessante notarmos que embora o remédio não fizesse o efeito desejado, o poder de Balbino não foi questionado. Ele teria o poder para desencadear doenças, deixando uma pessoa enferma, ainda que não conseguisse curar. Assim, era também temido pelas mesmas pessoas que buscavam tratamento para suas enfermidades.

O processo não prosseguiu por falta de provas e, provavelmente, Balbino continuou vendendo suas “beberagens”. Quanto a Barnabé, nunca foi encontrado.

Esses testemunhos se assemelham com as informações descritas por Laura de Melo e Souza (1989) em seu livro “O diabo e a Terra de Santa Cruz”, no qual ela trabalhou com processos inquisitoriais gerados a partir das visitas do Santo Ofício ao Brasil. Segundo ela, o ato de expelir “sapo e cabelos pela boca”, são características que apontam que a enfermidade teria sido causada por meio de feitiçaria. No Brasil colonial, era muito comum pessoas apresentarem tais manifestações após terem sido vítimas de feitiço. Seguindo essa concepção de cura a doença deveria ser materializada para que a saúde fosse restaurada, expulsando os objetos usados no preparo do feitiço. Assim, eram expelidos “pela boca, pelo ânus, pela vagina,

através da própria pele”, inclusive animais vivos e cabelos, que representavam a “energia vital”, sendo utilizados “positiva e negativamente”.

Nesse sentido, se Antônio e sua família acreditavam que ele estava enfeitado iriam precisar de alguém com poderes para fazer um contrafeitiço e esse papel era desempenhado por curandeiros.

Em 1928, na cidade de Itabaianinha, outro curandeiro foi denunciado pela venda das famosas garrafadas. Ele se chamava Deoclécio Freire de Carvalho. Segundo a acusação, ele praticava o espiritismo e os sortilégios da magia. Sete pessoas testemunharam. O julgamento prosseguiu à revelia do réu, que foi considerado culpado. Porém, o curandeiro não foi encontrado e continuou em liberdade.

Há registros de práticas de adivinhação durante o Brasil colonial. Os praticantes desse sortilégio eram degredados portugueses, índios, africanos e mestiços. As adivinhações eram feitas através das estrelas; peneira com tesoura, chapim ou balaio, orações para santos; com chave e o livro de horas de Nossa Senhora; leitura do Evangelho; água; enxergar dentro dos corpos e da terra; com tigelas de água ou vinho. Geralmente o objetivo era descobrir objetos furtados, autores de feitiços ou escravos fugidos (SOUZA, 1989, 157-166). Dominguez utilizava a psicomania ou necromancia como prática divinatória, que é realizada a partir da consulta das almas dos mortos. Os mais famosos necromantes da história do ocultismo foram a bruxa de Endor que aparece na Bíblia, o filósofo grego Apolônio de Tiana e os ocultistas John Dee, Edward Kelley e Eliphas Levi.

Os demais conhecimentos e especialidades que aparecem no anúncio estão relacionados à teosofia. A palavra teosofia é de origem grega e significa sabedoria divina, sendo forjada por Amônio Saccas e seu discípulo Plotino no século III d. C., em Alexandria. A russa Helena Blavatsky (30/07/1831 – 08/05/1891) deu continuidade aos ensinamentos deles, sendo fundadora da Sociedade Teosófica. A teosofia foi inspirada no hinduísmo e no budismo. Assim, os conceitos de Karma, Nirvana, Devakan e o sistema Fakir da Índia, entre outros que estão voltados para a espiritualidade, fazem parte dos estudos teosóficos.

CONCLUSÃO

Durante as últimas décadas do século XIX e a primeira metade do século XX, a fiscalização da arte de curar se intensificou. Em Sergipe, a década de 1920 representou

mudanças no serviço de Saúde Pública, com a chegada do Serviço de Profilaxia e Saneamento Rural, que além de fiscalizar a questões referentes ao exercício de curar, realizava exames, vacinação, pesquisas de doenças endêmicas, entre outros serviços que visavam o controle das doenças.

Esse foi o cenário que José Maria Dominguez Y Dominguez se instalou em Aracaju, sendo alvo das autoridades fiscalizadoras. Ele transitava pelo universo das práticas médicas e das práticas mágicas, abrindo espaço para que pessoas com crenças e classes sociais diferentes o procurassem. O fato de ser branco e se passar por doutor em medicina, deve tê-lo ajudado a apresentar uma imagem positiva pelos locais em que esteve. Conforme vimos, os atestados de boa conduta liberados pelas autoridades de duas cidades do interior da Bahia demonstram a confiança que adquiriu. Entretanto, sem o diploma emitido por uma faculdade reconhecida no Brasil, o cerco estava se fechando para pessoas como ele.

No dia em que Dominguez se apresentou à polícia, pagou a fiança e respondeu ao processo em liberdade. Não sabemos para onde ele foi depois disso. Ele contratou um dos advogados mais respeitados de Aracaju, que se chamava Adolpho Ávila Lima, e assinou uma procuração, deixando-o como representante legal nas audiências que se estenderam entre 1923 e 1928. Os juízes que analisaram o caso ficaram divididos, pois, apesar de não ter o diploma em medicina, a maneira como Dominguez foi preso e o fato de todas as testemunhas arroladas no processo serem membros do serviço de fiscalização da saúde, além da negação do direito de defesa, que ocorreu quando um dos juízes anulou a procuração que deixava o advogado Ávila Lima como seu representante legal, abriu brechas para a defesa. Por fim, Dominguez foi absolvido das acusações e recebeu os objetos que foram apreendidos de volta.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Helvécio de. A medicina em Sergipe. **Revista do Instituto e Histórico e geográfico de Sergipe** (vol. 5, nº 9, 1920).

ASSOCIAÇÃO Jauense de estudos espíritas. **O magnetismo animal: seus precursores e fenômenos correlatos**. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/magnetismo-animal.html>. Acesso em: 19|08|2013.

BARBOZA, Naide. **Em busca de imagens perdidas: centro histórico de Aracaju (1900-1940)**. Aracaju: Fundação Cultural Cidade de Aracaju, 1992.

BATISTA, Ricardo dos Santos. A sífilis na Bahia: considerações sobre saúde pública, medicina e eugenia. **XXVII Simpósio Nacional de História** – Conhecimento histórico e diálogo social, Natal – RN, 22 à 26 de julho de 2013.

BLYTHE, Peter. **O hipnotismo: seu poder e sua prática**. Trad. Nair Lacerda. São Paulo: Editora Pensamento, 1971.

BERTUCCI, Liane Maria. Remédios, charlatanices... e curandeirices: práticas de cura no período da gripe espanhola em São Paulo. In: CHALHOUB, Sidney et al (Org.). **Artes e Ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Banese, 2002.

CAMPOS, Eduardo. **Medicina popular do Nordeste: superstições, crendices e mezinhas**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Dicionário de Medicina Popular**. Paris: Editora A. Roger & F. Chernoviz, 1890. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/>. Acesso em: 23/12/2008.

DARNTON, Robert. **O lado oculto da Revolução: Mesmer e o final do iluminismo na França**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Matin Guerre**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUERREIRO, Antonio. A Bahia no centro do mundo. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. 12/04/2009. Disponível em:

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/a-bahia-no-centro-do-mundo>.

Acesso em: 08/02/2014.

LIMA, Keite Maria Santos do Nascimento. **Cidade, Ferrovia e Modernização: contribuições da Estrada de Ferro Bahia ao São Francisco para a modernização da cidade de Alagoinhas – 1860/1920**. Associação Nacional de História – ANPUH. XXIV Simpósio Nacional de História, 2007.

OLIVA, Terezinha Alves de; SANTOS, Lenalda Andrade. Aracaju, espaço de utopias. **Cadernos nordeste em debate** – Universidade Federal da Paraíba – Campus II, nº02, Campina Grande, 1994.

OLIVEIRA, Daiane de J. **“Da arte de curar à prisão de um ocultista”**: ocultismo, magia e ciência em Aracaju, SE (1923 – 1928). Dissertação (mestrado em História), Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão: 2014, fl. 114.

PEREIRA NETO, A. F. Profissão Médica em Questão (1922): Dimensão histórica e sociológica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 11 (4): 600-615, Oct/Dec, 1995.

RIBEIRO, André Luiz Rosa. **História do cacau**. Instituto Cabruca. Disponível em: <<http://www.cabruca.org.br/historiaDoCacau.php>>. Acesso em: 28/02/2014.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **Ciência nos trópicos**: a arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura**: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2001.

_____. **A história do feiticeiro Juca Rosa**: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro imperial. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2000.

SANTOS, Denilson Lessa dos. Curandeiros, benzedeiras, rezadeiras: tradição e cultura em Santo Antonio de Jesus (1940-1980). **História da saúde e das doenças no interior da Bahia**: séculos XIX e XX. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2013, p. 147-188.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SOUSA, Antônio Lindvaldo.. **“Parte do outro lado da modernização...”**: Aracaju e os homens pobres nas primeiras décadas do século XX. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe/ CESAD, 2010.

SOUZA, Christiane M^a Cruz de. **O sertão revelado pelas epidemias**: lócus de miséria e doenças, signo do abandono do Estado. Disponível:

<http://www.viencontroanpuhba.ufba.br/modulos/submissao/upload/44364.pdf>. Acesso em: 16/02/2014.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz:** feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar:** Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense. Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: EDUSC - Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

WITTER, Nikelen Acosta. **Dizem que foi feitiço:** as práticas da cura no sul do Brasil (1845-1880). 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.